

**PSICOLOGIA, ARTE E HISTÓRIA: UM ESTUDO DO MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO NO CONTEXTO DO MODERNISMO NO BRASIL E A (RE)CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE BRASILEIRA**

Ana Eliza Andrade Ferreira  
Sonia Mari Shima Barroco

**Introdução**

O presente texto resulta de pesquisa bibliográfica desenvolvida no período de 08/2010 a 07/2011, na Universidade Estadual de Maringá. A eleição de sua temática justifica-se porque não tem sido recorrente o estudo da Arte e da Psicologia, ou ainda, da Psicologia da Arte na formação de psicólogos. Nosso interesse diz respeito à contribuição que a confluência entre Psicologia, Arte e História tem para a compreensão da constituição da subjetividade e da identidade, sob a ótica da Teoria Histórico-Cultural de L.S. Vygotski (1886-1934). Objetivou-se compreender a formação da subjetividade sob o viés da Psicologia com a contribuição de fatos históricos e artísticos, notadamente o Movimento Antropofágico bem como o contexto histórico e social que possibilitou seu surgimento. A teoria eleita permite, por meio de uma compreensão histórica da formação do psiquismo humano, que a Arte, como uma das produções humanas, não só reflete o homem de seu tempo, como também contribui de maneira indiscutível para o levantamento de questões sobre o homem contemporâneo.

Com base em uma dada concepção de Psicologia e de Arte, o exercício da confluência entre essas duas áreas do conhecimento pode ser aplicado no estudo do Movimento Antropofágico, que é atrelado ao Modernismo Brasileiro. Este se constituiu como uma reelaboração da estética e, posteriormente, pôs em questionamento o que seria a verdadeira arte brasileira. Os artistas desse movimento impactaram a sociedade com suas denúncias e proposições, com suas cores e seus novos contornos, com suas críticas ao eurocentrismo. Propuseram alternativas para a sociedade, no limite possível das condições históricas dadas e de suas consciências.

Paralelo ao enfoque da Arte, houve o intuito de apreender a História como ciência que registra o processo de humanização do homem e, desta forma, termos mais elementos para entendermos a subjetividade e a constituição dos sujeitos em estreita relação com as condições sócio-históricas, a partir de um possível diálogo entre as três áreas do conhecimento em questão: Psicologia, História e Arte.

A teoria explicativa do desenvolvimento eleita foi liderada pelo psicólogo soviético L. S. Vygotski (1896-1934), com suas próprias elaborações e as de seus colaboradores e continuadores, como A. R. Luria e A. N. Leontiev. Embora guardem as marcas da época pós-revolucionária soviética, seus escritos ainda nos subsidiam para pensar o homem e a sua arte, num momento de chamada do Brasil à uma lógica própria do capitalismo financeiro, que abarcava todos os países – tendo eles consciência disto ou não.

Voltarmo-nos à produção brasileira não significa que o homem brasileiro segue um curso diferenciado nas grandes leis do desenvolvimento do homem de outros países. Pelo contrário, segundo a Psicologia Histórico-Cultural (PHC), em qualquer espaço geográfico-temporal e social, o percurso do desenvolvimento vai do plano intersíquico ao intrapsíquico. Ou seja, o indivíduo se desenvolve pelo processo de internalização e de apropriação dos conteúdos já criados, de objetivações já realizadas por outros e que lhes são oportunizadas pela convivência com os mesmos. Sobre tais apropriações elabora novas objetivações, estabelecendo, assim, um contínuo compartilhar entre indivíduo e sociedade. Sobre a base inicial, o equipamento biológico, o indivíduo passa a ser edificado, de modo deliberado e intencional, como também de modo espontâneo e não sistemático, o equipamento cultural.

O aparato histórico foi imprescindível para se obter um resultado mais preciso a respeito da subjetividade humana, pois serviu como sustentação para análise das manifestações artísticas, evidentemente da *Época Contemporânea*<sup>1</sup> quando manifestada pelo Movimento Antropofágico, em torno do ano de 1928 no Brasil. A opção pelo estudo deste Movimento se deu em virtude de ele expressar a crítica, por meio da arte, aos resultantes da própria lógica capitalista, que impôs e ainda impõe um padrão de certa homogeneidade aos diferentes povos e nações mediante a dominância econômica.

Considerando que alguns psicólogos soviéticos, notoriamente Vygotski, abordam que o psiquismo e a subjetividade constituem-se socialmente, sobre o aparato biológico inicial; reconhecem e comprovam que a historicidade e a transitoriedade das coisas e dos modos de existir, afirma a possibilidade de outro devir, para além do capitalismo e daquilo que gera em mentes e corpos. Nessa perspectiva, a Psicologia, com a contribuição da Arte e da História, pode apreender os homens em

---

<sup>1</sup> Didaticamente, entende-se que a partir do século XIX se constitui a *Época Contemporânea*, sendo que neles se desenvolveu a pintura moderna e o modernismo artístico.

sua constituição ao longo de diferentes épocas e sociedades, identificar os desafios que lhes são postos e os caminhos eleitos para superá-los, bem como as contradições envolvidas.

### **Objetivos**

Podemos dizer que os objetivos propostos foram alcançados. A seguir, os mesmos são expostos, tais como previmos:

- Compreendemos os conceitos de identidade e de subjetividade, tomando como norteadora a teoria histórico-cultural;
- Investigamos sobre a contribuição da Arte, como uma produção humana, para o desvendamento dos seus produtores e dos demais homens que a fluem ou que com ela convivem direta ou indiretamente;
- Apreendemos a História como ciência que registra e guarda, de modo vivo, o processo de humanização do homem e destacou-se a importância que tem para a Psicologia em seu propósito de explicar a origem e o desenvolvimento do psiquismo;
- Discutimos a relação entre modo de reprodução da existência (processo produtivo) e elaborações supraestruturais (educação, valores, ciência, arte, etc.);

### **Materiais e Método**

Como se trata de um estudo bibliográfico, de natureza conceitual, sob um exercício dialético, compreendeu estudos dos escritos de Vigotski e de seus colaboradores acerca do desenvolvimento humano, da constituição social do psiquismo, das mediações sócio-históricas possíveis e necessárias por meio de estudos históricos e da arte. Houve estudos sobre história e sobre a história da arte, sobretudo a brasileira.

Os procedimentos da investigação bibliográfica se deu primeiramente na composição de acervo de fontes primárias (L.S. Vigotski, A. N. Leontiev, Arte em geral, Oswald de Andrade e Mario de Andrade) e secundárias (publicações contemporâneas que comentam ou abordam os estudos clássicos soviéticos e brasileiros). Em seguida, realizou-se a seleção, leitura e fichamento dos materiais e, por fim, elaborações de sínteses.

### **Resultados e Discussão**

No que concerne a confluência entre os materiais pesquisados e estudados é possível

estabelecer a estreita relação entre a Psicologia, a Arte e a História. O estudo do homem, não de seu aparato biológico, mas sim do que lhe pertence de mais humano, a subjetividade, é de grande necessidade de estudo por parte das ciências que possibilitem a compreensão do homem em seu contexto histórico, geográfico e temporal.

A ênfase no Movimento Antropofágico, inserido no contexto do Modernismo brasileiro iniciado em 1922, fomentou a pesquisa no sentido de como seria a relação do povo brasileiro com o seu próprio país e com sua própria cultura antes e depois do alerta realizado por artistas, como Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e entre tantos outros, para a realização e reflexão acerca de uma verdadeira arte do Brasil e de uma identidade nacional. Para isso foi necessário o estudo e a contribuição da Psicologia Histórico-Cultural para sustentar toda a investigação, pois a partir dela fundamentou-se temas como a construção da subjetividade, da identidade que, segundo Vygotski (1997), o sujeito se constitui com base na correlação existente entre fenômenos objetivos e fenômenos subjetivos, considerando a unidade entre a psiquê e o mundo objetivo, com o propósito de compreender a constituição do sujeito inserido em uma determinada cultura. Além disso, tinha como propósito, após a crítica às psicologias existentes, idealistas, explicar como o sujeito se torna homem do seu tempo e cultura. Compreende-se, desta forma, que os homens de cada época e sociedade contam com demandas que lhes são comuns, e desenvolvem características que são próprias para responderem a essas demandas. Contudo, cada um é um ser genérico irrepitível; conta uma história de vida que apresenta detalhes únicos.

Diante disso, fez-se o estudo entre a Psicologia e a Arte e como esta pode contribuir para uma maior compreensão do homem de seu tempo. De acordo com Barroco (2007), a Arte não se realiza “descolada” da vida, pois a mesma apresenta-se e constitui-se através de recursos materiais, “disponibilizados pela humanidade, pelo próprio modo de organização e dinâmica da sociedade, bem como pela atividade mental dos homens, assim desenvolvida” (Barroco, 2007, p. 89). As atividades cognitivas superiores do artista, bem como seu processo de criação, não podem ser tomados como isolados tanto do contexto social no qual está inserido quanto de quem entra em contato com a obra. Com isso, ao voltarmos ao Movimento Antropofágico, podemos dar sua merecida importância, pois foi a partir de talentos individuais, que a arte foi renovada, pensando e trabalhando coletivamente a favor de uma mudança com o propósito da sua valorização como sendo genuinamente brasileira e que, considerando sua força e sua representação do que é propriamente

humano, podemos entender o homem de seu tempo e sua capacidade de transformação de sucessores que entraram direta ou indiretamente com ela.

Com isso, compreendemos então que a Arte contribui de maneira indiscutível com a Psicologia para o desvendamento do homem. Nosso maior interesse é a respeito deste homem que foi sendo constituído nas primeiras décadas do século XX no Brasil, ou seja, até e pós o momento de repercussão do movimento artístico Antropofágico. Tendo em vista a arte realizada até dado período, surge o questionamento: haveria um homem universal sob o capitalismo, ou haveria um homem regionalizado, com as características próprias de um dado espaço geográfico e cultural? Debates envolvendo essas temáticas não foram raros entre os estudiosos da psicologia em geral e nem entre os escritores e educadores brasileiros (como Machado de Assis (1839-1908), José Veríssimo (1857-1916), Anísio Teixeira (1900-1971), Carneiro Leão (1887-1966)) sendo que uma pergunta poderia traduzi-las: o povo brasileiro é atrasado? Essa indagação não se manteve com os homens oitocentistas, mas alcançaram aqueles que se destacaram como pensadores do século XX, sendo parte deles os artistas modernistas, notadamente os que fizera parte do chamado Movimento Antropofágico.

É fato que em fins de século XIX o problema enfrentado por cientistas da época dizia respeito à existência e à característica de *brasilidade*, em que particularmente o médico Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906), mencionava que complexos culturais aborígenes, de origem européia, de origem africana coexistiam no mesmo território e isso era constantemente traduzido como um obstáculo que impedia o Brasil de alcançar o esplendor da civilização européia. A influência de países considerados desenvolvidos era tão consistente, ou seja, a ordem hegemônica, capitalista, se consolidava de tal maneira que era necessário buscar respostas para se alcançar o “desenvolvimento ideal”. Em contrapartida, questionamentos como o de Sylvio Romero (1851-1914) e Euclides da Cunha (1866-1909) nos remete a uma quase chamada ao que compreendemos sobre o Movimento Antropofágico na arte: como podiam elementos culturais de origem tão diversa coexistir sem reciprocamente se destruírem?

É neste íterim que adentramos com a importância de pensamentos que iam de encontro a crença de que a homogenização seria a solução, uma vez que o problema era basicamente econômico e político. É certo que o pensamento predominante na época era a necessidade dessa homogeneidade e que, sem essa, os intelectuais partiam do pressuposto de que seria impossível

encontrar uma identidade nacional sem ter em conta um único traço cultural. A própria arte seguia esse rumo de reprodução eurocêntrica e, fazendo um resgate de toda a história artística realizada por artistas brasileiro, é notória a influência direta de artistas europeus.

Consideremos então que a Arte antes manifestada, até o momento de reflexão crítica sobre a reprodução de uma Arte estrangeira, se dava pelo modo como a sociedade se dinamizava e permitia a formação da própria Arte nesses moldes, sob o sistema capitalista vigente. Por esse mesmo viés, foi possível compreendermos que subjetividade dos brasileiros contou com elementos disponibilizados por uma cultura de aceitação em relação a essa reprodução do modo de vida (e artístico) europeu e norte-americano – potências capitalistas. No que tange a esse modo de produção, a saber, o capitalismo, afirmamos que ele, de maneira sufocante, esgota-se em si mesmo e alternativas reflexivas emergem, questionando-o, que, no caso, deu-se no Movimento Antropofágico. E este, como foi visto, foi imprescindível para a formação de uma *brasilidade*, ou seja, de uma identidade nacional.

O Movimento Antropofágico constitui-se em que, segundo Santos (1923), Tarsila do Amaral iniciou, em 1928, uma nova fase inserida no Modernismo: a antropofágica. A tela “Abaporu” de Tarsila é a principal ilustração deste movimento uma vez que o nome dado à tela é de origem indígena e seu significado nada mais é que “antropófago”.

Foi a partir disto que Oswald de Andrade elaborou a teoria da antropofagia o que resultou no Manifesto Antropofágico publicado na *Revista de Antropofagia*. A verdadeira proposta desta teoria, de acordo com Santos (2003), era que os artistas brasileiros tivessem conhecimento dos movimentos estéticos modernos europeus, mas criassem uma arte com o perfil brasileiro. Sendo assim, um artista deste movimento precisa, não somente captar as tendências estrangeiras, mas também elaborar algo relacionado com a cultura de nosso país.

Diante disso, se faz necessário expor que o termo utilizado por artistas da época para designar o Movimento, usufruiu-se de tal faceta sob procedimento irônico de uma poética brasileira, uma vez que embalada pelo desejo de ruptura com os paradigmas formais expressos pela Arte até então e na encenação da identidade. Leia-se, portanto, que o Movimento Antropofágico fundamentou-se numa devoração crítica, “cuja possibilidade principal é servir como uma teoria que baliza a busca de uma identidade do país formulada como diferença cultural” (Almeida, 2008). Foi então, neste contexto, que intelectuais pautaram-se à busca de referências diferentes da tradição européia. Podemos dizer

que criou-se uma nacionalidade diferenciada, esgotada de reprodução e necessitada de traduzir as diferenças de cada povo em início de século XX. É possível notar a inserção de índios e negros como símbolos (“Macunaíma” de Mário de Andrade) e não apenas como personagens-passagens como contempla Almeida (2008), tal como fora no romantismo e, além disso, a narrativa indígena, a religião afro-descendente passam a ocupar seus lugares dentro das exigências políticas e, com isso, os modernistas não estavam fazendo nada além de ecoar questões gritantes do cenário político de sua época.

Agora, voltemos ao título da investigação que propõe uma explanação acerca da subjetividade brasileira sendo esta construída ou até mesmo reconstruída pós relação com o Movimento Artístico Antropofágico. Se a Arte não se realiza independente da vida, ela se constitui por meio da atividade mental dos homens e seus processos criativos desenvolvidos de acordo com o seu contexto e, também através de recursos materiais disponibilizados pelo modo de organização de uma dada sociedade, pode-se afirmar, que a arte antes manifestada demonstrava a influência direta e a receptividade de uma arte estrangeira, está denunciando uma sociedade com essas mesmas características e isenta de uma originalidade? É por esse raciocínio que se questionou, a princípio desta pesquisa, sobre a construção de uma subjetividade, pois antes esta era construída por elementos disponibilizados por uma cultura de aceitação em relação a essa reprodução do modo de vida (e artístico) europeu e norte-americano. Foi a partir da denuncia artística Antropofágica, em que afirmou a existência de características próprias brasileiras, que podemos dizer que a subjetividade brasileira passou-se a ser de fato construída? Para isso, a PHC, que norteou toda a pesquisa, nos respondeu que, se considerarmos assim, estaremos negando toda a história até então construída e passada por terras brasileiras. É verdade sobre a forte influência de países considerados potências, a arte e a história nos deu base suficiente para essa constatação, mas é exatamente por ser de outros países, (e por isso outras dinâmicas, outras estruturas políticas e econômicas, outras histórias) que não podemos afirmar que houve uma construção, ela de certa forma já existia e era brasileira.

Ainda sobre o título da pesquisa, que propõe uma possível reconstrução, podemos dizer que essa sim houve. A partir do momento em que o capitalismo, em seu próprio sufocamento, deu margem para a criação de um Movimento que alertasse a necessidade de uma construção artística que abrangesse características próprias do país – indígena – mas que não desconsiderasse o que era

passado fora de nosso território, realizando assim a “antropofagia”, reconstrói-se uma subjetividade. Ou seja, a relação que o povo brasileiro passa a ter com o país é modificada através desta proposta artística, uma vez que para os autores desse Movimento já havia sido modificada, reconstruída e refletida através deste.

Essa mudança pode ser comprovada através de intelectuais que publicaram opiniões sobre o Brasil. O médico Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906), já citado, em período anterior ao Movimento Antropofágico, opina acerca de uma necessária homogenização para o alcance do desenvolvimento econômico, político e social do país. Enquanto que, Darcy Ribeiro (1922-1997) antropólogo, escritor e político brasileiro, em seu livro “O povo brasileiro” lançado no ano de 1995, grandiosamente escreve sobre essa heterogeneidade que faz ser do Brasil o país que é:

O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional, e começa a sê-lo também por sua criatividade artística e cultural. Precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização, para se fazer uma potência econômica, de progresso auto-sustentado. Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra. (Ribeiro, 1995, p. 454)

### **Conclusão**

Com o pesquisado entendemos que a formação do psicólogo pode contar com a abordagem de áreas ou temáticas que contribuem para a explicitação da formação humana, para a constituição do psiquismo. Uma ciência como a Psicologia, não pode esquecer ou desconsiderar a importância de outras áreas das ciências humanas para dar-lhe mais sustentação para a compreensão do homem e sua subjetividade, seu modo de agir e pensar, sua inserção cultural e a importância que esta comporta na constituição do sujeito.

Foi contando com a contribuição e denúncia de um determinado homem em uma determinada época dado pela História e pela Arte, que conseguimos comprovar as mudanças sofridas na subjetividade, principalmente a partir do momento de realização do Movimento aqui enfatizado e sua grande importância para a formação de uma identidade, de uma brasilidade.

Ao não identificarmos nessa segunda década do século XXI um movimento marcante que

consiga congregar em torno de si um grande contingente ou que repercuta com aquele impacto que o Modernismo Brasileiro alcançou, parece-nos que estamos novamente diante da homogeneização, ou seja, o capitalismo hoje é força dominante a ponto transformar e de 'embaralhar' o que pertence a cada cultura como sendo próprio. Ao nos depararmos com muitas “pulverizações” acompanhadas da efemeridade, é necessário preocuparmo-nos com o modo como estamos formando as novas gerações e trazer novas formas de reflexões, e confluências possíveis para um melhor ensino e consequente formação. Isso está diretamente atrelado ao papel da Educação, ou seja, a necessidade da transmissão de conhecimento que leva a uma formação reflexiva acerca dos impactos (econômicos, políticos e sociais) que o sistema vigente gera, desde o princípio, notadamente em países colônias, são indiscutíveis para a melhoria incessantemente buscada.

Consideramos, por fim, que a presente pesquisa nos trouxe grandes contribuições acerca da importância de estudos em diferentes áreas que se somam. Uma vez que nossa área de enfoque diz respeito a Psicologia e esta conta com a contribuição de outras áreas para desvendar o homem - seu principal objeto de estudo – passemos então, rica soma para a área educacional para uma válida tentativa de enriquecer a formação humana.

### **Referências**

- Barroco, S. M. S. (2007). *Psicologia Educacional e Arte: uma leitura histórico-cultural da figura humana*. Maringá: EDUEM.
- Batista, M. R. (1980). *Anita Malfatti e o início da arte moderna no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- Brabo, G. ; Rossetto, E. (2009). *A Constituição do sujeito e a subjetividade a partir de Vygotsky: algumas reflexões*. Travessias (UNIOESTE. Online), v. 5, p. 01-11.
- Brito, M. S. (1978). *História do Modernismo Brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna*. (5a.ed.) Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,
- Duarte, N. (1993). *A Individualidade para-si – Contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Duarte, N. (2008). *Arte e formação humana em Lukács e Vigotski*. In Reunião Anual da ANPED, 31. Caxambu: Constituição brasileira, direitos humanos e educação. Anais. Rio de Janeiro: ANPEd.

Dubar, C. (1997). *Para uma teoria sociológica da identidade*. In: A socialização. Porto: Porto Editora.

Facci, M. G. D.; Barroco, S. M. S.; Leonardo, N. S. T. (2010). A historicidade na constituição do sujeito: considerações do marxismo e da Psicologia Histórico-Cultural. In: Caniato, A. M. P.; Facci, M.G.D. ; Tomanik, E. A. (Org.). *A constituição do sujeito e a historicidade*. Maringá: Alínea,. pp. 107 -132.

Ferreira, Arthur Arruda Leal; Jacó-Vilela, Ana Maria; Portugal, Francisco Teixeira (2005). *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau.

Ferreira, Candida (2008). Poi(é)ticas: reflexões sobre uma perspectiva brasileira para a crítica de arte. In: RUBIM, Antônio Albino; RAMOS, Natália. (Org.). *Estudos da Cultura no Brasil e em Portugal*. Salvador: Edufba, p. 115-144.

Kosik, K. (1976). *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Luria, Alexander Romanovich (1986). *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Trad. Diana Myriam Lichtenstein e Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas.

Márkus, György (1974). *Marxismo y "antropología"*. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo.

Martins, L. M. (2007). *A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano*. Campinas, SP: Autores Associados.

Marx, K. ; Engels, F. (1980). *Sobre Literatura e Arte*. São Paulo: Global Editora e distribuidora Ltda., 2ed.

Molon, S. I. (1999). *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. São Paulo : Educ.

Santos, M. G. V. (2003). *P. História da Arte*. São Paulo: Editora Ática.

Peres, D. (1949). *O descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral: antecedentes e intencionalidades*. Porto: Portucalense.

Queiroz, M.I.P. (1989). *Identidade cultural, identidade nacional no Brasil*. Tempo Social ¼ Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v.1, n.1, 1º sem., p.29-46.

Ribeiro, D. (1995). *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª.ed.

Rolnik, S. Subjetividade Antropofágica. In: Machado, Leila Domingues; Lavrador, Maria Cristina Campello; Barros, Maria Elizabeth de. (Org.) (2002). *Texturas da psicologia:*

**Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia**

*Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?*

Universidade Estadual de Maringá

ISSN 1679-558X

---

*Subjetividade e Política no Contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 11-28.

Shuare, Marta. (1990) *La psicología soviética tal como yo la veo*. Moscú: Progreso.

Vigotskii, L. S. (1987). *La imaginación y el arte en la infancia*. Cidade del México: Hispánicas, (Ensayo Psicológico).

Waldman, M. <sup>a</sup> (1981) *Independência das Colônias*, in *História para o Ensino Fundamental*, São Paulo, SP.